

## Mamulengo e história de vida: entrecruzamentos que ensinam

**Bárbara Duarte Benatti**

Universidade de Brasília – UnB (Brasília, Brasil)

**Izabela Costa Brochado**

Universidade de Brasília – UnB (Brasília, Brasil)



**Figura 1** - Cida Lopes montando a empanada na FENEARTE, em Olinda-PE (2016).  
Foto: Barbara Benatti.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034702232020044>

**Resumo:** Este artigo é uma reflexão sobre o trabalho de campo que desenvolvemos durante o curso de Mestrado e Artes Cênicas na Universidade de Brasília (UnB) no ano de 2017. O assunto abordado na dissertação era sobre as novas gerações de brincantes de Mamulengo do gênero feminino da cidade de Glória do Goitá (PE). O Mamulengo é uma brincadeira de teatro de bonecos popular de Pernambuco e como tradição oral, é permanentemente ressignificado por seus produtores. A brincadeira permite a participação e o diálogo com o público. A relação é dinâmica, se realiza no fortalecimento da identidade das comunidades que por meio da brincadeira explicitam, expressam e denunciam valores, informam suas visões de mundo, seus desejos, experiências individuais e coletivas. O que apresentamos aqui é um recorte da história da mamulengueira Cida Lopes que, por meio da arte que expressa e das narrativas pessoais que conta, nos apresenta uma dimensão política sobre como são perpetuadas as relações de poder e violência na identidade da mulher nordestina negra.

**Palavras-chave:** Teatro de bonecos popular. Mamulengo. Tradição. Mulheres. História Oral.

#### **Mamulengo and life stories: intercrossings that teach**

**Abstract:** This article is a reflection on the fieldwork that I developed during the Masters and Performing Arts course at the University of Brasília (UnB) in the year 2017. The subject addressed in the dissertation was about the new generations of Mamulengo female giants of the city of Glória do Goitá (PE). The Mamulengo is a play of popular puppets theater of Pernambuco and as oral tradition, is permanently re-signified by its producers. Play allows participation and dialogue with the public. The relationship is dynamic, it takes place in the strengthening of the identity of a people, who through play: explicit, express and denounce values, inform their worldviews, their desires, individual and collective experiences. What we present here is an excerpt from the history of mamulengueira Cida Lopes, who through her personal narratives invites us to perceive how the relations of power and violence are perpetuated in her identity as brazilian northeastern and as black women.

**Keywords:** Popular puppet theater. Mamulengo. Tradition. Women. Oral history.

### Introdução – apresentando o contexto

Em 2015, o Teatro de Bonecos Popular do Nordeste – que abrange o Mamulengo, o Babau, o João Redondo e o Cassimiro Coco – foi reconhecido pelo Iphan como Patrimônio Cultural do Brasil, passando a ter proteção institucional, o que por princípio garantiria a sua salvaguarda.

O processo de Registro<sup>1</sup>, que incluiu pesquisas de campo e documental, levou quase dez anos e resultou na publicação, em 2014, de dois trabalhos intitulados *Dossiê interpretativo* e *Dossiê videográfico*, de autoria das professoras doutoras Izabela Brochado e Adriana Alcure, respectivamente. No processo de Registro do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste como Patrimônio Imaterial, realizou-se um inventário dos brincantes de diversos lugares do Nordeste, tanto da nova quanto da velha geração.

O *Dossiê Interpretativo* chama a nossa atenção sobre o pequeno número de mamulengueiras. Esse dado nos despertou inquietações não só quanto à participação das mulheres, mas também sobre a forma como as personagens femininas são retratadas, considerando que o Mamulengo se dá em um contexto bastante masculino. Das poucas mulheres apontadas pelo *Dossiê*, percebemos que Glória do Goitá concentrava três grupos com participação de mulheres: Edjane Maria Lima, do grupo “Mamulengo Nova Geração”; Tamires Severina do Nascimento, do grupo “Teatro História do Mamulengo”; e um grupo totalmente feminino, “Mamulengando Alegria” composto por Neide, Cida e Larissa, respectivamente a esposa e as filhas do experiente Mestre Zé Lopes.

Dessa forma, um dos objetivos da pesquisa realizada durante o meu mestrado foi a de discutir a participação, tanto no passado quanto na atualidade, das mulheres no Mamulengo. Partimos da hipótese de que elas sempre estiveram presentes, mesmo que invisibilizadas, tanto nos trabalhos de manufatura quanto nos bastidores da brincadeira. Contudo, raramente assumiam a posição de protagonistas. Dessa forma, realizamos um estudo de

---

<sup>1</sup> O Decreto nº 3.551, 04/08/00 institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e define um programa voltado especialmente para patrimônios. O Registro é um instrumento legal de preservação, reconhecimento e valorização do patrimônio imaterial do Brasil, composto por bens que contribuíram para a formação da sociedade brasileira.

caso na cidade de Glória do Goitá, região da Zona da Mata Pernambucana, região que concentra um grande número de mulheres brincantes.

Muitos pesquisadores – entre os quais Patrícia Dutra (1998), Izabela Brochado (2001; 2005), Adriana Alcure (2001; 2007), Kaise Helena Ribeiro (2010), Altimar Pimentel (1971), Fernando Augusto Santos (1979) e André Carricó (2015) – estudaram o Mamulengo, suas abrangências e peculiaridades. Não obstante, cada um lançou um olhar diferente e abordou aspectos diversos do mesmo fenômeno. Esses autores, de maneira geral, apontaram o caráter cômico-popular como elemento por excelência do Mamulengo. No universo do Mamulengo, a expressão “brincadeira” designa o espetáculo de teatro, incluindo o conjunto de materiais e ações apresentados, e mesmo o evento onde o espetáculo acontece.

Os bonequeiros e artistas que atuam no teatro de bonecos são também chamados de brincantes. O Mamulengo é um teatro de bonecos popular de Pernambuco. Esse gênero se estabeleceu em torno de uma tradição oral com a especificidade de se adaptar ao tempo, pois trabalha com elementos capazes de se fixarem e de se mesclarem a outros, porém, conservando códigos próprios e particularidades comuns.

Alcure, Brochado e Ribeiro entendem que as características do Mamulengo se delinearam ao longo do tempo: o aprendizado pela observação, a relação estabelecida entre mestre/aprendiz, as tipologias de personagens, a dramaturgia composta de diálogos e falas versificadas. Essas autoras observaram cenas que dizem respeito a questões ligadas às comunidades produtoras e receptoras, tais como o cotidiano e o imaginário. “Não fossem esses atributos singulares o Mamulengo seria apenas teatro de bonecos e não teria as particularidades que o definem como tal” (ALCURE, 2001, p. 107).

O Mamulengo é uma ação comunitária de encontro e comunicação, que tem como característica marcante a participação do público, o qual desempenha um papel preponderante para a brincadeira, funcionando como cocriador do espetáculo. A brincadeira é dinâmica e acontece na relação brincante, bonecos e o público.

A característica do Mamulengo de Glória do Goitá, que referenciamos, é a de mestres e mamulengueiros que aprenderam pela via de transmissão oral, por meio do convívio familiar ou comunitário.

Além da pesquisa bibliográfica, o estudo de caso proposto na dissertação foi embasado em um trabalho de campo realizado durante duas idas a Pernambuco. A primeira viagem, que aconteceu entre os 7 a 17 de julho de 2016, coincidiu com a realização da 17ª Fenearte. Na primeira viagem a Pernambuco, conhecemos a realidade ampla do Mamulengo e a força mercadológica dessa manifestação artística, a feira possibilita aos brincantes não só o recebimento de cachês com as apresentações, como também a possibilidade da venda de bonecos e a divulgação. Na segunda, viagem, que ocorreu do dia 15 a 23 de outubro de 2016, vimos a sua face humana, no sentido de conhecer melhor seus produtores e as suas histórias. Durante as vivências do trabalho de campo, também nos surpreendeu um elemento imprevisto: a forma de conduzir as entrevistas. Havíamos desenvolvido um roteiro, mas percebemos que as conversas iam surgindo de forma espontânea no cotidiano. Isso nos levou a problematizar um supostamente desejado distanciamento e perceber o valor, para a pesquisa, da subjetividade e do acaso na relação que estabelecemos com os sujeitos da pesquisa.

Boa parte do material sobre o qual refletimos nesta pesquisa foi colhido durante conversas informais com as mulheres brincantes. Nós compartilhávamos vivências em comum, falávamos dos nossos filhos, das gracinhas que eles fazem e sobre as angústias de ser mãe. Em uma dessas ocasiões, com o gravador desligado, Cida conversava sobre como os homens parecem ter uma percepção diferente da nossa, principalmente no que tange ao cuidado com os filhos.

Ela contou sobre a primeira vez em que o marido levou as duas filhas do casal para assistirem a um espetáculo do seu grupo “Mamulengando Alegria”. Através dos furos da empanada, ela viu o marido “rindo e curtindo tudo”, enquanto as meninas corriam, gritavam e brincavam com as outras crianças ali presentes. O caos começou quando a filha e a sobrinha, que haviam brigado, entraram na empanada aos berros, para relatar o ocorrido à mãe e à avó. Cida

disse que não sabia o que fazer: se parava a cena para acudir ou mesmo expulsar as meninas de dentro da empanada<sup>2</sup> ou se gritava pedindo ao marido para que ele resolvesse a situação. Ela contou que, após a apresentação, foi indignada falar com o ele: “Você não viu? Como é que não apartou a confusão das meninas?”. E ouviu como resposta: “Oxe, mulher, você me chamou para ver a apresentação com as meninas e não me avisou que eu tinha que ficar cuidando delas!” (LOPES, 2016).

Foi a partir de relatos despreziosos e aparentemente banais como esse que visitamos a perspectiva dessas mulheres, aprendemos sobre suas vivências pessoais e profissionais, e construímos uma relação de confiança e cumplicidade, de modo que elas se sentissem confortáveis para compartilhar suas vidas.



**Figura 2** - Abertura de mala do *Mamulengando Alegria*, no ateliê do Mestre Zé Lopes em Glória do Goitá-PE (2016). Foto: Barbara Benatti.

<sup>2</sup> A empanada é uma estrutura de metal ou madeira, recoberta por um tecido, normalmente Chita. Comumente possui furos que permitem ao bonequeiro observar a plateia.

Refletindo sobre a experiência no trabalho de campo, entendemos que em todos os momentos as relações que são construídas devem ser consideradas. Mais ainda, a noção não hierárquica entre pesquisadoras e informantes pressupõe fazermos a pesquisa entre iguais. A autora Grada Kilomba em seu livro “Memórias da Plantação – episódios de racismo cotidiano” enfatiza a importância de estabelecer condições ideais de pesquisa. Para a autora, é fundamental que pesquisadores e informantes compartilhem suas experiências, igualdade social e envolvimento com a problemática.: “[...] onde há experiências compartilhadas, igualdade social e envolvimento com a problemática” (KILOMBA, 2019, p. 82-83).

As vivências das pesquisas de campo despertaram a vontade de pensar no caráter dinâmico e nas demais especificidades das relações que se estabelecem no universo do Mamulengo. Principalmente por visualizar, ainda que superficialmente, o impacto da monocultura da cana-de-açúcar na região da Zona da Mata pernambucana. Impacto que reverbera nas relações de trabalho, baseado em um sistema de exploração colonial utilizado desde o século passado: grandes latifúndios, monocultura, trabalho escravo e exportação para a metrópole. Trata-se de um sistema que criava uma estrutura social de dominação centrada na figura do proprietário do latifúndio, senhor coronel que controlava tudo e todos ao seu redor. Atemporalidade do racismo cotidiano que reverberam no enredo do Mamulengo.

Para a brincadeira acontecer, o *Dossiê* ressalta que é necessário reunir pessoas diante da empanada sob as condições mínimas para a realização da apresentação: local adequado; condições técnicas favoráveis para ouvir e ver os bonecos; recursos financeiros para que os artistas possam se deslocar até o local da apresentação e também que eles estejam em condições físicas favoráveis para se apresentarem.

A maior parte dessas cenas faz parte do repertório tradicional, que, transmitido oralmente de geração a geração, vai sofrendo alterações ao longo do tempo. O *Dossiê* esclarece que algumas cenas também são resultantes de processos criativos individuais e que acabam sendo incorporadas por novos

brincantes em seus espetáculos, tornando-se, elas também, parte de um repertório compartilhado.

Críticas também são dirigidas a ações realizadas por membros da comunidade. O comentário feito por Quitéria (um dos principais personagens do Mamulengo pernambucano) referente à instalação de uma cerca elétrica na frente da casa de um dos moradores da rua onde se deu o espetáculo [...] (BROCHADO, 2014, p. 53).

No referido artigo, Brochado explica que boneco e bonequeiro se tornam inseparáveis. Por meio do boneco, o mamulengueiro se manifesta em relação aos problemas vivenciados pelo grupo no qual está inserido. A autora continua a exemplificar como se dá o estímulo à participação direta do público, citando, por exemplo, situações em que o nome do espectador é incluído como pertencente à família dos bonecos, ou quando fazem alusões a relações sexuais entre bonecos e membros da plateia.

O Mamulengo é uma ação comunitária de encontro e comunicação, que tem como característica marcante a participação do público, o qual desempenha um papel preponderante para a brincadeira, funcionando como cocriador do espetáculo. A brincadeira é dinâmica e acontece na relação brincante entre os bonecos e o público.

Assim, gostaríamos refletir sobre o assunto apresentando pequenos trechos das entrevistas realizadas com as brincantes Cida e Neide Lopes, realizadas durante a pesquisa da minha dissertação. Nessa etapa da coleta de dados, tínhamos como objetivo conhecer os trabalhos e as histórias de vida dessas mulheres, entender a forma como elas se relacionam com o brinquedo e identificar como o gênero feminino é representado em seus espetáculos. Para Maria Helenice Barroso e Maria Veralice Barroso, a força da história oral está em transitar dos documentos oficiais para fontes de dados humanas, que enfocam o fenômeno estudado de uma perspectiva subjetiva, revelando o modo como “interpretam o mundo conferindo-lhe significados, infundindo-lhe emoção” (BARROSO, 2016, p. 153). A história oral enquanto procedimento de pesquisa, como afirma Verena Alberti (2004), não é um fim em si mesmo, mas um meio de conhecimento. Por isso, optamos pelo método aberto e semiestruturado, de



modo a valorizar também a espontaneidade e o caráter imprevisto dos relatos orais, preservando, inclusive, as particularidades da forma como as entrevistadas se expressaram.

### Desenvolvimento

José Lopes da Silva Filho, o Mestre Zé Lopes, nasceu<sup>3</sup> em 1950, em um lugar chamado Cortesia, na cidade de Glória do Goitá, em Pernambuco. Ele pertence à tradição do Mamulengo da Zona da Mata e teve como mentor o Mestre Zé de Vina, um importante mamulengueiro da mesma região. Mestre Zé Lopes produz e vende bonecos desde 1982. Hoje, sua mulher e filhas que também participam da brincadeira do Mestre, fundaram o próprio grupo.

O grupo *Mamulengando Alegria*, é formado por Neide, Larissa e Cida Lopes. Cida manipula e dá voz aos bonecos. Sua mãe atua juntamente com ela dentro da empanada como auxiliar. Fora da empanada, a irmã Larissa faz o papel de Mateus e toca o triângulo. Os demais músicos são amigos e conhecidos da região, que costumam ser convidados conforme o evento e a disponibilidade, mas Cida sonha mesmo com o dia em que a formação do grupo será toda feminina.



<sup>3</sup> Após a finalização desse artigo, o Mestre Zé Lopes, morreu. Considerado Patrimônio Vivo de Pernambuco desde 2017 faleceu em 21/08/2020 aos 69 anos de idade.

**Figura 3** - Cida Lopes apresentando o Mamulengando Alegria em Glória do Goitá-PE (2019). Foto: Instagram @cida.lopes.

O grupo já se apresentou em diversos eventos. Em 2015, por exemplo, o “Mamulengando Alegria” foi ao Ciclo Natalino de Recife, ao Festival de Inverno de Garanhuns (PE), ao Encontro de Mamulengos de Brasília e de São Paulo, e ao IX Encontro Nacional de Culturas Populares de Serra Talhada (PE). Seus espetáculos são compostos por enredos do Mamulengo tradicional e pelas histórias que aos poucos Cida vem criando, misturando o humor característico do Mamulengo com inovações em outros temas.

Era dia 19 de outubro de 2016, precisamente às 10 horas, quando o gravador foi ligado. O local era o ateliê, na casa da família Lopes, em Glória do Goitá. Essa era a segunda visita a Pernambuco. Não havia roteiro. Apenas foi solicitado que contassem suas histórias de vida. Neide estava hesitante e, antes de decidir se aceitaria ser entrevistada, preferiu acompanhar a fala da filha. Cida estava animada e não se importou com a presença da mãe. Ela começou pelas memórias de sua infância, pelas brincadeiras com os avós em meio ao processo de trabalho nas casas de farinha: “Eu ia com a minha avó para a casa de farinha e trabalhava com a mandioca, descascava e brincava no meio daquilo. Criança brinca com tudo, né?”, disse ela rindo. A jovem iniciou a história com leveza, mas o decorrer de seu relato revelou uma vivência sofrida e muito impactante.

Cida precisou morar com os avós maternos até os sete anos de idade, a mãe Neide trabalhava de empregada doméstica em Recife e o pai, o Mestre Zé Lopes, acabava de retornar de São Paulo capital para Glória do Goitá-PE, na intenção de concluir a construção de sua casa e passar a viver junto com Neide. Esta é a casa onde a família reside até hoje.

Vim ajudar minha mãe com Larissa. Eu tinha sete anos. Ela voltou a trabalhar com Larissa pequena. Mas, assim, como ela passou muito tempo trabalhando fora, eu não tive muito contato com ela porque ela trabalhava fora, né? E, tipo, você trabalhar de doméstica em outra cidade ou você só volta para a sua casa nos finais de semana ou de quinze em quinze dias. E essa era a rotina. Até hoje ela fica assim meio triste de ter ficado tanto tempo ausente. Claro que a gente não culpa porque ela tava trabalhando, né? A mãe faz muito mais falta do que o pai. Se fosse um trabalho que ela pudesse estar em casa todos os dias, não teria sentido tanto essa ausência. Mas naquele tempo as coisas eram ainda mais difíceis do que é hoje. Então ela ficava bastante tempo ausente. Acho que quando ela deixou de trabalhar de doméstica eu

tinha uns onze anos. Depois ela conta essa parte para você [risos] (LOPES, 2016).

Neide trabalhou por mais de dez anos como empregada doméstica, cuidando da casa de outras famílias em Glória do Goitá e Recife. De modo geral, as empregadas domésticas eram – e ainda são – exploradas por meio da informalidade e pela falta de uma legislação própria, que dê conta das especificidades do ofício e garanta direitos como jornada de trabalho, aposentadoria, férias e 13º salário. Somente em 2015, por exemplo, o recolhimento do FGTS tornou-se obrigatório para todos os empregados domésticos. Mesmo com a obrigatoriedade prevista em lei, ainda faltam muitas questões a serem modificadas e que efetivamente vão reverberar e modificar a vida de muitas trabalhadoras domésticas.

Aproveitando a fala de Cida, Neide foi enumerando as dificuldades enfrentadas nos anos em que trabalhou como doméstica, dando ênfase ao racismo cotidiano que sofreu e ao fato de que nunca teve a carteira de trabalho assinada. Segundo a pesquisadora Grada Kilomba:

É extremamente importante ter essa perspectiva biográfica ao trabalhar com o fenômeno do racismo porque a experiência do racismo não é um acontecimento momentâneo ou pontual, é uma experiência contínua que atravessa a biografia do indivíduo, uma experiência que envolve uma memória histórica de opressão racial, escravização e colonização. (KILOMBA, 2019, p. 85)

Neide citou relações de abuso de poder e racismo entre a relação patroa versus empregada, citando situações racistas como por exemplo não poder comer o mesmo alimento que havia preparado para seus empregadores.

Neide nos relatou que o trabalho de empregada doméstica tem hora para começar, mas nunca tem hora para acabar. Além desses e outros abusos sofridos na relação com os patrões, a memória de Neide ficou marcada sobretudo pela saudade da família e pela culpa materna que sentia por estar ausente.

Na adolescência, Cida também trabalhou como empregada doméstica em Salvador - BA, onde conciliava o trabalho e os estudos. Ela voltou para Glória do Goitá com quase dezenove anos e, estando desempregada, passou a se dedicar

ao Mamulengo. A jovem ia com o pai às apresentações e participava do conjunto musical, tocando triângulo ou ganzá. Foi em uma dessas ocasiões, durante uma festa junina, que acabou conhecendo Augusto, o futuro marido. O relato ganha tom bem-humorado quando Cida fala sobre a interação dos dois e o sotaque de baiana que ela fazia.

Eles então se tornaram namorados e, depois de um tempo, quando já estava com dezenove anos de idade completos, Cida engravidou de um menino, cujo nome – Augusto e ela já haviam escolhido – seria Mirael. Nessa época, Neide também estava grávida. A diferença de idade entre a mãe e a filha é de 13 anos e durante a gestação de ambas, tiveram apenas dois meses de diferença.

O pré-natal foi marcado por complicações, como a dificuldade em marcar consultas e exames em Glória do Goitá. No Posto de Saúde da Família (PSF), além de não haver profissionais – até então o pré-natal era acompanhado por enfermeiras especialistas em Saúde da Família –, faltavam equipamentos para a realização de ecografias. Por conta das dificuldades, a primeira ecografia teve que ser feita em uma clínica particular em Vitória de Santo Antão, cidade vizinha, distante 30 km de Glória do Goitá: “Aí quando deu seis meses eu fui fazer o ultrassom e descobrimos o problema do bebê. E daí, foi quando falaram do negócio do aborto. Eu não aceitei e levei a gravidez até o final”. O exame revelara que Mirael era um bebê anencefálico.

Cida se queixa da falta de humanização dos profissionais quando a informaram sobre a condição do filho. O modo como trataram o seguimento da gestação e a leviandade com que abordaram a interrupção de sua gravidez a deixaram revoltada. Para ela, o aborto estava fora de cogitação. Após o choque inicial do laudo médico, Cida buscou informações sobre a condição do filho na internet e, após a ecografia particular, seguiu com o pré-natal no PSF.

O SUS prevê ao paciente acesso universal em todos os níveis: preventivos e curativos; individuais e coletivos; de baixa, média e alta complexidade. Em tese, todas as ações necessárias ao tratamento são oferecidas ao paciente, que recebe informações sobre sua saúde de forma transparente, prevalecendo a igualdade no tratamento, a qualidade, e os

princípios de universalidade, equidade e a integralidade da atenção. No caso de Cida, contudo, o que de fato ocorreu foi um grave descaso e o total descumprimento dos princípios de humanização previstos e assegurados pelo SUS.

Eu passei dez dias naquele hospital, lá em Recife. Tinha que ser cesárea. Lá é considerado um dos melhores hospitais do Pernambuco. Eu cheguei lá com encaminhamento para uma cesariana. Passei por mais de dez médicos só dentro daquele HMIP, e esses médicos fizeram uma reunião para decidir qual era o meu destino ali. Só um votou pelo parto cesárea. Todos os outros achavam que tinha que ser parto normal. Eu pedia: “Não! Eu quero ver meu filho vivo, mesmo que ele viva um minuto. Mesmo que ele viva um minuto nos meus braços, eu quero ver ele vivo”. Daí eu fui realmente muito humilhada naquele hospital. Tinha que ter processado aquele hospital. Naquela época, a gente tinha toda aquela dor de primeira gravidez, passar por aquilo tudo. E teve médico que disse assim para mim: “Olhe, a gente não pode gastar com uma cesariana com uma criança que não... não...”. Não me lembro a palavra que ele usou, mas era quem dissesse assim: “que não vale a pena, que vai morrer” (LOPES, 2016).

Cida estava ciente de que Mirael iria morrer, mas sua expectativa era de ter a possibilidade de ver o rosto do filho. De embalá-lo em seus braços e se despedir dele. Ela conta que procurou saber e, de acordo com suas pesquisas na internet, era possível doar os órgãos do filho.

Durante o relato da filha, Neide ia incluindo novas informações, outros pontos de vista. Ela contou como era para ela e Augusto acompanharem as notícias do lado de fora do Hospital. A mãe e o marido seguiam sem qualquer informação sobre o andamento do processo ou sobre a condição de saúde da parturiente. Quando finalmente foi encaminhada para a sala de pré-parto, sem nenhuma informação ou explicação mais detalhada, Cida foi colocada no soro e os médicos iniciaram a administração de oxitocina sintética. O relato segue com a lucidez e a força de quem quer – e precisa – compartilhar e de alguma forma denunciar os absurdos que lhe ocorreram.

O relato de Cida nos leva a pensar sobre a atual realidade da assistência gestacional e sobre as consequências fisiológicas e emocionais de um parto desumanizado. Diversas ações e políticas são criadas, mas, como pudemos ver, essas iniciativas não chegam às mulheres mais humildes: nesse contexto, como em todos os outros, elas são as mais vulneráveis. É lamentável ver como a

violência rotineira que aflige a mulher na esfera privada persiste também na forma como ela é tratada pelo poder público.

Em “Sujeitos que lembram: história oral e histórias de vida” (2003), Jorge Luiz da Cunha e Alexandro dos Santos Machado dizem que rememorar através da oralização das histórias de vida é uma forma de reconstituir não apenas a memória, mas a subjetividade. A sociedade contemporânea, como explicam os autores, é marcada pela desumanização dos indivíduos, cuja energia criativa – o atributo humano por excelência – é convertida em força de trabalho para o incremento da riqueza alheia. Quanto mais produz, menos o trabalhador tem acesso ao produto de seu trabalho. Privado de sua liberdade e afastado daquilo que lhe dá o sentido de sua humanidade, ele perde, portanto, o sentido de si mesmo.

Para Cunha e Machado, “há uma psicologia popular contida na narrativa oral” (2003, p. 75). Narrar a própria vida é uma forma de o sujeito se reapropriar de sua história, despertando a consciência de si e o fluxo dos afetos ligados às suas vivências. Paulo Freire (1982) nos diz que a observação da própria situação existencial leva os indivíduos a “emergirem” de si para se “admirarem” e se perceberem como até então não haviam feito. O conhecimento de si e da realidade que o cerca, segundo ele, ajuda o indivíduo a ser e estar criticamente no mundo.

Através de seus relatos, Neide e, principalmente, Cida reviveram e ressignificaram episódios dolorosos de suas histórias. Durante a entrevista, choramos, rimos e nos admiramos com o que o tempo é capaz de curar. Estávamos totalmente presentes naquela tarde. Ali, enquanto compartilhavam as dores e as alegrias de suas vidas, mãe e filha ouviam uma à outra, mas também a si mesmas, em um processo no qual atuavam e novamente se percebiam como sujeitos.

Cunha e Machado defendem que a entrevista acadêmica humanizada é conduzida como um diálogo, no qual os entrevistados são colaboradores atuantes. Por isso procurei ouvir as vozes das mulheres nesta pesquisa, respeitando a sua autonomia e a integridade do que compartilharam. Minha preocupação foi adotar uma postura reflexiva, teorizar a experiência que vivi na

comunidade mamulengueira, sem, no entanto, renunciar à contribuição das pessoas envolvidas.

Ainda que sejamos mães, nós pesquisadoras não conseguimos mensurar o trauma e a dor que Cida nos relatou. Esses relatos de Cida, que constitui quase a totalidade deste artigo, expõem questões do universo feminino que influenciam profundamente a experiência e o trabalho das brincantes de Mamulengo, como o preconceito no trabalho, a solidão na maternidade e a violência obstétrica. Como todas as outras, a mulheres de Glória do Goitá sofrem com um machismo que se manifesta de acordo com as especificidades de sua realidade. Distantes do feminismo global, essas mulheres desenvolvem suas próprias formas de combater as dificuldades. E o resultado de sua atuação, para além delas mesmas, vai reverberar no modo de ser e estar no mundo das outras mulheres que as rodeiam.

Articular o local e o universal é um recurso analítico imprescindível no momento atual, em que a dinâmica globalizada do movimento feminista cria uma cultura feminista com valores, percepções e agendas políticas por vezes pouco sensíveis aos problemas específicos que as sociedades nacionais enfrentam. Analisar a interação entre um modelo geral de dominação de gênero e suas formas específicas em cada contexto permite evitar uma visão simplificada dos processos sociais. Contribui, também, para uma integração mais sólida dos estudos de gênero nos esforços de interpretação da sociedade brasileira, na medida em que passamos a relacionar as formas de dominação de gênero com outras instituições sociais (SORJ, 2002, p. 101).

A autora recomenda que ao invés de adotarmos uma perspectiva linear entre a utopia feminista e a realidade social, devemos analisar a relação entre as práticas correntes do feminismo e o seu impacto sobre as percepções, comportamentos e instituições sociais. O protagonismo da mulher sobre o próprio corpo, a liberdade de escolha sobre o tipo de parto. Humanização dos serviços hospitalares, equidade no tratamento e acesso a informação e a saúde pública de qualidade. Dilemas de uma mulher, residente em Glória do Goitá que reverberam em muitos lugares do Brasil, sobre o significado de ser mulher.

Não há dúvidas de que as dificuldades que já enfrentou por ser mulher – em especial, o traumático episódio do parto – marcaram e para sempre marcarão

a vida de Cida. Mas a mamulengueira está constantemente refletindo sobre a própria condição e a condição das mulheres em geral. A entrevista que ela concedeu naquela manhã não foi a primeira – e muito menos a principal – experiência de rememoração oral em sua vida. As estórias que ela cria e encena nos espetáculos são um retrato do seu mundo. Através do Mamulengo, ela se volta para a realidade que a cerca e reconstrói a própria historicidade com a atitude crítica antevista por Paulo Freire. Isso fica evidente, por exemplo, na adaptação dos enredos – a partir da problematização de elementos do repertório tradicional do Mamulengo – e na sua vontade de criar um grupo totalmente formado por mulheres.

A narrativa da história de vida envolve o narrador e o seu ouvinte em uma prática transformadora e humanizadora. Temos certeza de que a convivência com as mulheres de Glória do Goitá e a dimensão humana que vivenciamos ao estudar o Mamulengo e o universo das brincantes irão reverberar em nossa vida.

### **Conclusão**

Como apresentado por pesquisadores, entre os quais Borba Filho (1966), Altimar Pimentel (1971) Fernando Augusto Santos (1979), Patrícia Dutra (1998), Izabela Brochado (2001; 2005), Adriana Alcure (2001; 2007) e Kaise Helena Ribeiro (2010), a maioria das cenas apresentadas no Mamulengo faz parte do repertório tradicional, que vai se transformando ao longo do tempo, enquanto é transmitido oralmente de geração a geração. No processo de pesquisa de campo, percebemos que algumas dessas cenas também são resultantes de processos criativos individuais e que lentamente serão incorporadas por novos bonequeiros em seus espetáculos, tornando-se elas também parte de um repertório compartilhado.

As ressignificações propostas por Cida nos seus espetáculos refletem uma preocupação em modificar as piadas ancoradas em preconceitos. No grupo “Mamulengando Alegria”, percebemos que é latente, no discurso e na vontade, o desejo de subverter o modelo tradicional e criar brincadeiras que refletem a condição da mulher. Ao vislumbrar um Mamulengo totalmente feminino, Cida busca, junto à irmã e à mãe, um protagonismo em seu trabalho.





**Figura 4** - Cida Lopes na Universidade Federal de Sergipe (2019).  
Foto: Instagram @cida.lopes.

O Registro do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste como Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN e os planos de salvaguarda são ações fundamentais para assegurar a preservação do Mamulengo como modo de vida e trabalho. Para além dos espetáculos, os mamulengueiros arrecadam com a comercialização de bonecos e brinquedos artesanais, e com o compartilhamento desse saber, pela oferta de cursos e oficinas.

Com as entrevistas, percebemos também a importância dessa manifestação cultural como instrumento de conscientização, por exemplo, sobre a violência doméstica, violência obstétrica. Quer dizer, a comunidade de brincantes usufrui do Mamulengo não somente pelo prazer de brincar, mas também como forma de garantir o próprio sustento e de produzir mudança social.

Os ensinamentos de Paulo Freire (1982) reverberam nos relatos de história de vida de Cida e Neide, quando pensamos na incrível jornada humanitária da libertação. Libertar a si próprio, de forma a devolver a todos os

seres humanos a benevolência perdida ou ameaçada. Dessa forma trava-se a tentativa de se construir condições de uma vida plena, num mundo pleno.

O que aconteceu nas vidas das mamulengueiras toca e reverbera em quem são e no que fazem. Freire chama de práxis a reflexão e a ação dos seres humanos sobre o mundo para transformá-lo, enquanto transformam a si mesmos, uma jornada que é atravessada pela força das palavras, como nos lembra Jorge Bondía Larrosa:

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (LARROSA, 2018, p. 20).

As palavras dão forma e sentido às experiências, determinando o modo como nos colocamos diante de nós mesmos e dos outros; o modo como vemos e vivemos o mundo. Somos mulheres, de origens e vivências diferentes, porém nos é possível estabelecermos uma relação igualitária entre pesquisadoras e pesquisadas:

Por conseguinte, não concordo com o ponto de vista tradicional de que o distanciamento emocional, social e político é sempre uma condição favorável para a pesquisa, melhor que o envolvimento mais pessoal. Ser uma pessoa “de dentro” produz uma base rica, valiosa em pesquisas centradas em sujeitos (KILOMBA, 2019, P. 83).

Mas sendo mulheres, de idades semelhantes, precisamos dar ênfase aos nossos privilégios advindos de uma classe social que não é semelhante as nossas informantes. Ainda que nos seja possível acessar as dores e sofrimentos, que nos foram relatados, sabemos que nosso acesso a saúde pública na capital do país é completamente diferente do que nos relatou Cida. Nesse sentido,

entendemos o quão frágil e ingênuo é a ideia de sororidade<sup>4</sup> pois há de se considerar a hierarquia social que existe entre nós mulheres.

Como dito anteriormente, o Mamulengo é uma brincadeira na qual o público participa ativamente como cocriador. Trata-se, portanto, de uma ação comunitária de encontro e comunicação, de uma vivência coletiva das práticas relacionadas à vida social.

Na minha pesquisa de mestrado, o Mamulengo exercido por mulheres foi o foco do estudo, mas também o ponto de partida para investigar interações, afetividades e muitas outras questões que foram aparecendo naturalmente durante o processo. Foi a oportunidade de conhecer, ouvir e dialogar com pessoas que se expressam no seu modo de fazer e viver a arte, e reconhecemos o privilégio que foi entrar na casa de muitos deles. Principalmente no aprendizado significativo de calar a voz e abrir os olhos, os poros e os ouvidos para o outro.

Sabemos que o resultado da pesquisa de mestrado não se encerrou na dissertação, nem neste artigo: seus efeitos seguem ressonando. O contato com todas essas mulheres, com as suas literaturas e saberes, provocou-nos um estado de autoanálise, de autocrítica e evolução, a partir da qual revemos nossos conceitos e seguimos aprendendo uma nova forma de ver e entender as coisas que nos cercam, e um novo significado de sermos mulheres.

## Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALCURE, Adriana Schneider. *Mamulengos dos Mestres Zé Lopes e Zé de Vina: etnografia e estudo de personagens*. Dissertação (Mestrado em Teatro) - Centro de Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UNIRIO, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Zona da Mata é rica de cana e brincadeira: uma etnografia do Mamulengo*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

<sup>4</sup> União de mulheres que compartilham os mesmo ideais e propósitos, pressupõe uma relação de irmandade, união, afeto ou amizade entre mulheres.

- BARROSO, Maria Helenice; BARROSO, Maria Veralice. História Oral, Memória e Cidadania. In: COSTA, Cléria Botêlho; LONGO, Clerismar Aparecido; BARROSO, Eloísa Pereira (Orgs.). *História oral e metodologia de pesquisa em História: Objetos, Abordagens, Temáticas*. Jundiá, Paco Editorial: 2016.
- BENATTI, Barbara D. *Mulheres Mamulengueiras – um Estudo de Caso em Glória do Goitá-PE*. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- LAROSSA, Jorge Bondía. Tremores: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- BORBA FILHO, Hermilio. *Fisionomia e espírito do Mamulengo*. São Paulo: brasiliana, volume 332. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1966.
- BROCHADO, Izabela. *Distrito Federal: o Mamulengo que mora na cidade, 1990-2001*. 113 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Mamulengo Puppet Theatre in the Socio-Cultural Context of Twentieth-Century Brazil*. Tese (Doutorado em Teatro em Filosofia) - Samuel Beckett School of Drama. Trinity College University of Dublin, Ireland, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Dossiê Interpretativo: Registro do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste, Mamulengo, Cassimiro Coco, Babau e João Redondo como Patrimônio Cultural do Brasil*. Brasília: Minc; Iphan; UnB; ABTB, 2014.
- CARRICÓ, André. A poética cômica do Mamulengo: aspectos de uma comicidade brincante. In: *Moringá-Artes do Espetáculo*. João Pessoa, V.6 N.2 jul-dez 2015.
- CUNHA, Jorge Luiz; MACHADO, Alexsandro dos Santos. Sujeitos que lembram: História Oral e Histórias de Vida. In: *História da educação*. ASPHE/Fae/ UFPel, Pelotas. Nº 14, p. 63-77, set. 2003. ISSN 2236-4359
- DUTRA, Patrícia Angélica. *Trajetórias de criação do Mamulengo do Professor Benedito em Chão de Estrelas e mais além*. Dissertação (Mestrado em Teatro) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 6ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Combogó, 2019.
- LOPES, Cida. Entrevista concedida a Barbara Benatti, no Ateliê da Família Lopes, Glória do Goitá (PE). Outubro, 2016.
- PIMENTEL, Altimar. *O mundo mágico de João Redondo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Minc-INACEN, 1971.
- RIBEIRO, Kaise Helena. *A dialogicidade no Mamulengo Riso do Povo: interações construtivas da Performance*. 2010. 186 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade de Brasília – Unb. Brasília, 2010.
- SANTOS, Fernando Augusto Gonçalves. *Mamulengo: um povo em forma de bonecos*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1979.

SORJ, Bila. O feminismo e os dilemas da sociedade brasileira. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (org.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: FCC: Ed. 34, 2002.